



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

DOIS AMORES E DUAS CIDADES:
UMA LEITURA AGOSTINIANA DA OBRA *CORPOS E
ALMAS*, DE MAXENCE VAN DER MEERSCH



TWO LOVES AND TWO CITIES:
AN AUGUSTINIAN READING OF THE WORK *BODIES
AND SOULS* BY MAXENCE VAN DER MEERSCH

Francisco Romário de Queiroz SILVA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Clébio FIGUEIREDO
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Edson Gonçalves LEITE
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 10/10/2021 • APROVADO EM 23/04/2022

Resumo

Considerando a perspectiva fundada por Santo Agostinho concernente aos dois amores e as duas cidades, objetiva-se, neste artigo, verificar o quanto deste pensamento se reflete na obra *Corpos e Almas*, do escritor francês Maxence Van Der Meersch. Numa primeira

parte, procedeu-se a uma revisão teórico-conceitual de conceitos do campo da Linguística, teoria da Literatura e Literatura Comparada quanto à intertextualidade e o dialogismo que pode ocorrer em um texto e outro, apresentando em seguida o pensamento de Santo Agostinho quanto ao amor e suas implicações. Posteriormente, procedeu-se à análise do romance, selecionando-se três personagens, sendo eles Jean Doutreval de Carvalho, Michel e Evelyne Goyens, nos quais verificou-se a presença da concepção agostiniana das duas cidades. Desse modo, observou-se que a obra de Meersch foi escrita sob o plano de fundo do pensamento de Santo Agostinho tocante ao amor, em que os personagens são construídos de um modo a representarem as duas cidades ou sociedades de homens: Jean Doutreval a Cidade dos homens que amam somente a si mesmos a ponto de desprezarem os demais; Michel e Evelyne, a cidade dos homens que amam o outro a ponto de renunciarem a si próprios. E nesse amor desprendido de si mesmo o indivíduo encontra a felicidade e sua salvação. O que permite concluir uma leitura agostiniana do romance francês.

Abstract

Considering the perspective founded by Saint Augustine concerning the two loves and the two cities, the objective of this article is to verify how much of this thought is reflected in the work *Corpos e Almas* by the French writer Maxence Van Der Meersch. In the first part, a theoretical-conceptual review of concepts in the field of Linguistics, Literature theory and Comparative Literature was carried out regarding intertextuality and dialogism that can occur in one text and another, then presenting St. Augustine's thought regarding to love and its implications. Subsequently, the novel was analyzed by selecting three characters, namely Jean Doutreval de Carvalho, Michel and Evelyne Goyens, in which the presence of the Augustinian conception of the two cities was verified. Thus, it was observed that Meersch's work was written under the background of the thought of Saint Augustine concerning love, in which the characters are constructed in a way to represent the two cities or societies of men: Jean Doutreval the City of men who love only themselves to the point of despising others; Michel and Evelyne, the city of men who love each other to the point of renouncing themselves. And in this self-sacrificing love the individual finds happiness and salvation. Which allows us to conclude an Augustinian reading of the French novel.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Agostinho. Amor. Literatura. Romance. Cristianismo.

Keywords: Augustine. Love. Literature. Romance. Christianity.

Texto integral

Introdução

Um texto literário é um produto de que se constrói sobre outros textos que lhe inspiraram ou serviram de modelo. Todo texto é um intertexto, afirmam os estudiosos do campo da Linguística. Por sua vez, Paz, Andrade e Ponte (2016) defendem que o texto já traz em si pistas, que auxiliam o leitor a uma interpretação que não se desvie do plano da obra. Tal perspectiva é de caráter relevante na leitura e análise de textos literários, tendo-se em vista que, ainda que caiba ao

leitor a concretização da obra, este também precisa estar atento às chaves de leitura que o texto literário lhe oferece.

Por seu turno certo, a temática do amor sempre esteve presente na história do pensamento. Oliveira e Dias (2018, p. 62) explicam que Hesíodo é considerado por Aristóteles, como o primeiro a formular uma teoria que concebe o “amor como motor móvel do cosmos”. Outrossim, vale lembrar as duas obras de Camilo Castelo Branco que trazem o tema já em seu título, quais sejam: *Amor de perdição* e *Amor de salvação*.

Neste trabalho, objetiva-se desenvolver uma possível leitura da obra *Corpos e Almas*, do escritor francês Maxence Van Der Meersch, pautada na perspectiva dos dois amores e das duas cidades presente na obra *De Civitate Dei*, um dos trabalhos mais relevantes de Santo Agostinho, filósofo, teólogo e intelectual do fim da antiguidade cristã.

Para tanto, procedeu-se a uma seleção de teóricos do campo da Teoria da Literatura, Linguística Textual e Literatura Comparada, em vistas a oferecer um aparato teórico-conceitual que apresente, de uma maneira concisa e clara o que dizem os pesquisadores sobre a intertextualidade e o dialogismo existente entre textos literários e não literários.

Seguindo essa linha de raciocínio, numa primeira parte, procura-se apresentar os conceitos de intertextualidade, dialogismo, e o modo como um dado texto se inspira e se constrói sobre outros que se configuram como seus arquétipos. Desse modo, permitiu-se em seguida apresentar sinteticamente o pensamento de Santo Agostinho quanto à sua compreensão do amor.

Feito isto, numa segunda parte, procede-se a uma análise da obra de Meersch, procurando identificar o diálogo que estabelece com os textos de Santo Agostinho. Para tanto, procedeu-se à seleção de apenas três personagens que se considera como relevantes para o estudo aqui empreendido. Ao mesmo tempo, tendo-se em vista a extensão da obra, buscou-se as partes de caráter mais contundentes em vista de alcançar o objetivo aqui proposto. Neste ínterim, chegou-se à obtenção de resultados que sustentam a possibilidade de uma leitura agostiniana da obra *Corpos e Almas*.

1. Os dois amores e as duas cidades na obra de Santo Agostinho

Quando se decide proceder à análise de uma obra literária, vários são os campos de análise que se abrem à vista do pesquisador. A depender se procede a uma análise pelo viés da Linguística ou da Teoria Literária, tem-se as perspectivas discursivas, o trabalho com temas voltados ao feminismo, denúncias de problemas sociais e entre outros.

Dentre as várias formas de estudo que se poderiam realizar da obra de Meersch, neste trabalho se procede à análise que Jobim (1999, p. 48) explica preocupar-se em “explorar as relações dos textos literários com outros tipos de discurso e com os contextos em que se inserem”.

Um texto, seja qual for seu gênero, sempre está dentro de um contexto específico que condiciona sua escrita e, de certa forma, infere no modo de o autor tecer sua visão de mundo e sua concepção da realidade. A isso soma-se a carga de conhecimento que o escritor já traz de maneira internalizada. Decerto, a ideia de

escrever um texto novo, no sentido de que seja inteiramente original, é descartada de maneira total pela Linguística e a Teoria da Literatura.

Um texto é sempre uma tessitura de discursos que já foram ditos em um dado momento e que ainda serão ditos. Ao escrever uma obra literária, o autor, ainda que inconscientemente, coloca em seu texto diversas vozes que subsistem em outras obras dele ou de gêneros diferentes. Nesta linha de pensamento é que Moisés (1978, p. 59), afirma que todo texto literário se relaciona com outros textos que, por assim dizer, são seus arquétipos ou fontes de expiração:

Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras do passado com a Bíblia, com os textos greco-latinos, com as obras literárias imediatamente anteriores, que lhes serviam de modelo estrutural e de fonte de “citações”, personagens e situações.

Assim, a literatura nasce como diálogo com a própria produção literária, bem como com outros textos. Por certo, num mesmo romance podem estar presentes, por exemplo, discursos médicos, policiais, psicológicos e entre outros. A costura dessas falas de teor distintos formam o todo homogêneo que é a obra, seja ela um romance, um conto, uma crônica ou qualquer outra. Partindo desta ideia é que Kristeva (2005, p. 68) afirma que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

Compreende-se melhor uma obra quando é colocada lado a lado com outros textos que a inspiraram. Isso não só permite compreender as ideias que ajudaram a formar o enredo do texto como também proporciona clareza quanto às ideias e aos valores que o autor deseja transmitir. Nesta perspectiva é que se insere o conceito bakhtiniano do dialogismo, pelo que um texto é sempre um diálogo com outros textos, bem como o termo polifonia, segundo o qual o teórico russo explica que um mesmo texto é composto por diversas vozes que se unem para formar o todo. Compreende-se assim o conceito de intertextualidade já apontado por Kristeva.

Jenny (1979, p. 5) salienta que uma obra literária se compreende melhor quando coadunada com seus arquétipos: “a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como a palavra numa língua ainda desconhecida. De facto, só se apreende o sentido e a estrutura numa obra literária se a relacionarmos com os seus arquétipos”.

É oportuno apontar que o texto literário não se alimenta ou se inspira somente de textos literários, mas também pode construir-se sobre discursos filosóficos, teológicos, jornalísticos e outros. Nesta perspectiva, Maingueneau (2005, p. 21), comenta que o texto literário se alimenta de outras obras do mesmo âmbito e também de outros gêneros de textos:

Quando falamos de intertexto de uma obra literária, pensamos primeiramente em outros textos literários. Entretanto, se as obras se alimentam de outras obras, elas se alimentam também das relações entre textos que, em uma conjuntura dada, advém da literatura e outros que não advém dela.

A intertextualidade pode ser explícita ou implícita. Tem-se a primeira forma de intertextualidade quando há, por exemplo, uma citação direta, com marcação referencial, de um outro texto ou ator; tem-se a segunda forma quando “se

introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte como se tem na paródia ou no plágio” (ARAÚJO; SOUZA 2009, p. 574) E, para a análise do romance aqui escolhido é de fundamental importância o conceito deste segundo tipo de intertextualidade.

Por certo, a obra *Corpos e Almas* de autoria de Maxence Van Der Meersch, possui bastantes traços de intertextualidade com a obra de Santo Agostinho e, nisso entra em cena a ideia acima apresentada de Dominique Maingueneau (2005) de que uma obra literária se alimenta não somente de outras obras do mesmo gênero, mas também de textos não literários. Ao mesmo tempo, a intertextualidade entre ambas as obras, ou seja, a de Agostinho e de Meersch se caracteriza como sendo a segunda forma tal como conceituada por Araújo e Souza (2009), ou seja, de uma forma indireta. O romance *Corpos e Almas* contém alusões e tratamento de diversos temas de caráter agostiniano e, inclusive, encerra-se – como teremos oportunidade de observar – parafraseando um texto célebre de *A Cidade de Deus* escrita por Santo Agostinho.

Dentre os temas agostinianos que se percebem no texto literário, decidimos tratar neste trabalho da temática do amor que, por sua vez, é o mais acentuado e o que recebe destacado tratamento. Como bem aponta Schonarth e Gai (2015, p. 166), o amor sempre foi “temática constante na Literatura”, o que se pode observar, por exemplo, já na obra de Homero em que a rainha Dido se suicida por amor a Eneias. Demais, antes mesmo que aparecesse na literatura, o amor já era discutido pela filosofia:

Muito antes de ser desenvolvido nas narrativas literárias, perpassando a matéria romanesca, o amor já era abordado em reflexões filosóficas, em questionamentos acerca da origem do mundo, dos elementos essenciais da vida e do comportamento do humano. Constitui-se, assim, uma temática universal, na medida em que nascem dela todas as fontes de emoções e de conflitos do homem. (SCHONARTH; GAI, 2015, p. 166).

Nesta linha se insere Santo Agostinho, cujo conceito de amor é uma noção cara em seu sistema filosófico (SILVA; FIGUEIREDO, 2021, p. 452). Através do amor é a força motivacional de todas as ações humanas e, por isso, é princípio de qualificação dos seres humanos. Jales e Lima (2018, p. 111) pontuam que “a chave de toda a antropologia e ética agostiniana repousa no amor”.

O amor é um sentimento profundo inerente ao ser humano do qual derivam todas as outras paixões. O desejo pelo dinheiro, pelo bem ou pelo mal, a inveja e a luxúria; todos esses sentimentos explicam-se tão somente pelo amor: “desta misteriosa força interior nascem todas as paixões, que não são senão modulações do único movimento do amor. [...] Também o vício é amor, mas amor desordenado” (TRAPÉ, 2018, p. 434-435).

Assim, todas as determinações da vontade são motivadas pelo amor.

Por sua vez, sendo à vontade, na perspectiva de Santo Agostinho, a faculdade mediante a qual o homem tende ou não a um objeto, o amor é o impulso motor deste movimento. Assim, todas as determinações da vontade são motivadas pelo amor. Nesta linha, Gilson (2010, p. 257), explica que o amor é o “motor móvel da vontade”.

O amor é o fator que explica todas as determinações da vontade. Se o homem, no dizer de Agostinho, é a sua vontade, igualmente será o que for seu amor, pois é o amor que move a vontade a querer ou evitar um determinado objeto: “querer significa amar e só o amor pode explicar as determinações da vontade” (MASCHIO, 2017, p. 63).

Deste modo, entende-se que, segundo Santo Agostinho, o homem não opta entre amar ou não. Todo mundo ama alguma coisa. Portanto, a questão a ser discutida é o que se deve amar: “ninguém poderá existir sem amar, mas a questão é: amar o que? Pois não nos é de modo algum ordenado amar, mas sim escolher o objeto do nosso amor” (SANTO AGOSTINHO *apud* ARENDT, 1900, p. 94).

O hiponense leva esse pensamento até as últimas consequências ao afirmar em suas Confissões que “seu amor é seu peso”:

O corpo, devido ao peso, tende para o lugar que lhe é próprio, porque o peso não tende só para baixo, mas também para o lugar que lhe é próprio. Assim o fogo encaminha-se para cima, e a pedra para baixo. Movem-se segundo o seu peso. Dirigem-se para o lugar que lhes compete. O azeite derramado sobre a água aflora à superfície; a água vertida sobre o azeite submerge-se debaixo deste: movem-se segundo o seu peso e dirigem-se para o lugar que lhes compete. As coisas que não estão no próprio lugar agitam-se, mas, quando o encontram, ordenam-se e repousam. O meu amor é o meu peso. Para qualquer parte que vá, é ele quem me leva. (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 317).

Na época de Agostinho, a física vigente era a de Aristóteles. Segundo este, cada corpo possuía um peso próprio que o fazia tender a seu lugar específico em vistas a encontrar o repouso. Analogicamente, o bispo de Hipona, compara o amor que age em si ao peso que age nos corpos.

Portanto, no pensamento do Doutor de *Hippo*, em consonância com o pensamento grego, há um peso que move as coisas. Desse modo, a alma também tem seu peso. Quando ele fala da alma, fala também da vontade, pois a vontade é o movimento da alma (SILVA; FIGUEIREDO, 2021, p. 45).

Se o homem é essencialmente movido por seu amor, então o amor é princípio qualificador dos atos humanos, ou em outras palavras, o homem é tal qual for seu amor. Nesta perspectiva, Brachtendorf (2020, p. 114) afirma que “se a orientação fundamental do amor é falsa, todos os afetos são desencaminhados”. Por certo, o amor é o fundamento ontológico da ordem na filosofia de Santo Agostinho. O homem tende à ordem ou à desordem de acordo com o amor que em si reside:

Há no homem um impulso ou desejo intenso que o move ao encontro daquilo que ele deseja: isso é o amor. É ele um fator determinante no homem, é o impulso que o move à obediência ou deserção dessa ordem das coisas. Se o amor move o homem, este tenderá à ordem ou à desordem mediante o amor que houver nele. (SILVA; FIGUEIREDO, 2021, p. 449).

Em *A doutrina cristã*, o hiponense estabelece a chamada “Ordem do amor”, onde estabelece que o homem deve avaliar de tal modo as coisas que ame as coisas de acordo com seu grau na hierarquia dos seres. Neste texto, o amor é o pressuposto da justiça. Nas palavras de Reale e Antiseri (2017, p. 471) “a *virtus* é a *ordo amoris*, ou seja, amar a si mesmos, aos outros às coisas segundo a dignidade ontológica própria de cada um desses seres”. Esta consiste em amar as coisas como estas devem ser amadas, não amando mais as que devem ser amadas menos, nem amar menos as que devem ser mais amadas: “vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado” (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 46).

Por seu turno, a observação ou não desta *ordo amoris*, traz implicações gigantescas no sistema filosófico agostiniano. A oposição entre amor ordenado e amor desordenado assumirá, na maturidade de Santo Agostinho, a origem e o fundamento de duas sociedades de homens: os que amam somente a si mesmos e os que amam o próximo e a Deus. No amor do próximo está contido também o amor a Deus e vice-versa, enquanto no amor a si está contido tão somente o próprio indivíduo. O primeiro é o amor social que congrega e reúne; por sua vez, o segundo é o amor privado que exclui e priva os outros de sua comunhão. Nas palavras de Trapé (2018, p. 357), “Agostinho reconduz a história da humanidade a duas cidades; as duas cidades, a dois homens; os dois homens, a dois amores”.

No *Comentário Literal ao Gênesis*, Santo Agostinho antecipa o tema que será tratado de maneira ampla em *A cidade de Deus* e constrói um texto fundamental que, em razão de sua importância, o reproduzimos quase que completo:

Com efeito, toda privação implica diminuição. Daí que a soberba quer destacar-se, daí é empurrada para a angústia e a indignação, quando se volta do comum para o próprio pelo amor funesto de si mesmo. [...] Portanto, o amor perverso de si mesmo priva da santa companhia o espírito inflado, e a miséria coarcta aquele que já deseja saciar-se mediante a iniquidade. Daí que, depois de ter dito em outra passagem: Os homens serão amantes de si mesmos, acrescentou em seguida: amantes do dinheiro, descendo da avareza geral, da qual a soberba é o princípio, para esta especial que é própria dos homens. Pois os homens não seriam mais excelentes quanto mais ricos. A caridade, contrária a esta enfermidade, não procura seu próprio interesse, ou seja, alegra-se pela excelência não a própria e, portanto, com razão, também não se incha de orgulho. Estes dois amores, dos quais um é santo, o outro impuro, um social, o outro privado, um que olha para o bem da utilidade comum em ordem à companhia celestial, o outro, que submete o comum a seu poder por causa da dominação arrogante, um, sujeito a Deus, o outro, rival de Deus, um, tranquilo, o outro, turbulento, um, pacífico, o outro, rebelde, um que prefere a verdade às louvaminhas dos que erram, o outro, ávido de louvor de qualquer maneira, um amigável, o outro, invejoso, um que quer para o próximo o que quer para si, o outro, que quer submeter o próximo a si, um que governa o próximo para a utilidade do próximo, o outro, para a sua utilidade; estes amores existiram

antes entre os anjos: um nos bons, o outro nos maus; e separam as duas cidades fundadas no gênero humano sob a admirável e inefável Providência de Deus que administra e ordena todas as coisas criadas, uma dos justos, a outra dos pecadores. (SANTO AGOSTINHO, 2005, p. 401-402).

Nestes dois amores, um que pensa somente em si a ponto de excluir os demais, outro que pensa no próximo e por ele se doa; nestes dois amores, Agostinho resume toda a história da humanidade e os fundamentos de suas escolhas. Para o Doutor de *Hippo*, os homens estão divididos em duas grandes sociedades fundadas nestes amores. No amor que une os outros a si, que não se individualiza nem priva os outros de si, Santo Agostinho coloca a cura, a salvação e a redenção da humanidade. O amor desinteressado e donativo é a fonte da salvação do homem.

Maxence Van der Meersch, escreve sua obra *Corpos e Almas* embebida desse paradigma agostiniano, dividindo os personagens nestas duas sociedades. Demais, o autor apresenta em seu texto como o amor *caritas* é fonte de salvação: é ele – o amor desprendido e dado de forma gratuita sem esperar receber nada em troca – que salvará a vida de Michel Doutreval, como o mesmo personagem expressa no fim do romance.

2. Os dois amores e as duas cidades em *Corpos e Almas*

Ao se propor a análise de um texto literário, muitas são as perspectivas que se apresentam ao analista, tal como acima se expôs. Neste sentido, além da perspectiva adotada para este trabalho, como sendo suas relações dialógicas com a obra de Santo Agostinho, também se mostra interessante “relacionar o texto literário com os problemas e concepções dominantes na cultura do período em que foi escrito” (JOBIM, 1999, p. 48).

Como aponta Mello (2005, p. 41), “a obra literária, como todo enunciado, implica uma situação de enunciação”. *Corpos e almas* é um romance francês datado da metade da primeira metade do século XX escrito por Maxence Van Der Meersch. A obra traz a situação agravante no contexto de então, qual seja a disseminação da tuberculose. Os personagens centrais são Michel Doutreval e Évelyne Goyens. O primeiro é estudante de medicina e filho de um renomado médico hospitalar de nome Jean Doutreval de Carvalho; a segunda é uma paciente do Hospital da Égalité que sofre de tuberculose.

Embora haja outros personagens presentes na obra, este trabalho se concentrará em torno dos três personagens acima descritos. Isso não significa que os demais não se encaixem no tema aqui proposto, pois todo o romance parece seguir e se inspirar no modelo agostiniano dos dois amores e das duas cidades. Todavia, a maioria dos personagens presentes na obra carrega todo um peso e características próprias, pelo que tratar de todos especificamente fugiria do tamanho e proporções deste texto.

Para usar as palavras de Forster (2005) e Gancho (2002), estes personagens estão na categoria dos personagens redondos. Possuem toda uma caracterização própria e, por que não dizer, um complexo contorno vital, em contraste com os

personagens planos, que, por sua vez, carecem de ideias mais complexas e contornos mais abundantes na tessitura de sua personalidade:

Personagens planos eram chamados no século XVII de “humours”, e são ora chamados de tipos, ora de caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma ideia ou qualidade simples; quando neles há mais do que um fator, apreendemos o início de uma curva na direção dos redondos. (FORSTER, 2005, p. 58).

Michel Doutreval leva uma vida como os outros amigos que o rodeiam, cursando medicina, prestando serviços e visitando doentes no hospital onde seu pai trabalha. Distingue-se dos demais por sua condição financeira elevada, uma vez que é filho de um renomado médico. Dado aos prazeres de sua idade juntamente com seus colegas, levados pelas aventuras da libertinagem e da sexualidade: “ele era prático, materialista, céptico, tamanha força juvenil, emancipada das velhas peias morais” (MEERSCH, 1955, p. 84-85).

O pai de Michel, Jean Doutreval, desde jovem ambicionava a cátedra da universidade; não conseguindo obtê-la, dedicou-se a estudar psiquiatria. Um homem levado pelo desejo da fama, ainda que implicasse perder a própria vida em tentar conseguiu-la:

Céptico, persuadido no íntimo, da inutilidade de todas as coisas e ao mesmo tempo da necessidade de esconder do vulgo essa filosofia pessimista, ele era um desses homens para quem a própria honestidade constitui um absurdo e que passam a vida em relativa rectidão, à qual chamam fraqueza. A ambição de Doutreval seria sufocar em si a consciência, coisa que jamais conseguiria inteiramente. (MEERSCH, 1955, p. 84).

Como não havia conseguido sua cadeira na universidade de medicina, pois seu mestre antepunha seu próprio filho ao jovem discípulo, Jean Doutreval é encaminhado por este mesmo professor a viajar para a Alemanha, onde continua seus estudos. Doutreval parte para esta viagem estando já casado e pai de dois filhos. Durante sua estada na Alemanha, conhece os procedimentos químicos que são de grande utilidade para suas pesquisas e, uma vez retornando, dedica-se a estudar terapêutica de choque. Depois de um dado tempo, consegue uma cadeira de neurologia na Faculdade de Medicina na cidade de Angers, sua terra natal.

Entretanto, isto não era suficiente para Doutreval. Ele ambicionava fama e sucesso social, pretendendo preencher um certo vazio que existia dentro de si mesmo, mencionado várias vezes pelo narrador. Uma nova ambição toma o coração de Doutreval. Ele se decide por obter uma cura para os doentes mentais, de forma a erradicar de uma vez as doenças psíquicas. Desse modo, desenvolveu um método denominado por seu assistente, Gróix, de “curarização”, a partir do emprego de substâncias químicas injetadas nos pacientes.

Não obstante, esse método causava sérios efeitos colaterais nos pacientes, dentre eles, fraturas musculares que Doutreval tentou amenizar à base de anestésias. Reprovado por seus assistentes quanto a esses métodos, o Médico-

cientista se vê sozinho. O desejo de sucesso é tão grande e tão fundamental para o neurologista que ele chega ao extremo de sacrificar sua própria filha.

Géraudium, professor da Faculdade de Medicina e médico do hospital, chegando a uma idade já debilitante, havia tido um insucesso durante um procedimento cirúrgico. Sabendo do caso e ciente do que poderia acontecer, Doutreval convence seu genro a confiar ao Doutor Géraudium sua filha Mariette que estava grávida, ao invés de dá-la a outro médico, então funcionário do hospital, jovem e de boa reputação.

Ambos, Géraudium e Doutreval, sabem dentro de si mesmos o que estava prestes a acontecer. Entretanto, o primeiro é levado pelo orgulho como pontua o narrador, de não querer se ver ultrapassado como médico e perder sua imagem social; o segundo é levado pela expectativa de que o primeiro lhe recomendasse a diretoria do Hospital da Égalité. Desse modo, os dois sacrificam uma vida em prol de suas ambições. Durante o procedimento de parto, Dr. Géraudium comete um erro que compromete a vida de Mariette que vem a falecer.

Deste modo, percebe-se que ambos os médicos entram na categoria estabelecida por Santo Agostinho (2012) como os homens que amam tão somente a si mesmos que, em prol de si, sacrificam tudo e todo, uma categoria de sociedade que ama tão somente a si própria e que despreza os demais. Como consequência, o homem que pôs toda a sua esperança em si mesmo, sem nenhuma crença ou fé, ao se dar conta do quanto sacrificou para conseguir satisfazer sua ambição que ainda se encontra insaciável, vê-se mergulhado na amargura e no desespero:

Sim... o prazer de deslumbrar, de causar inveja, de inspirar ódios... quando penso na mesquinhez das pequeninas satisfações que a gente se esfalfa por obter! Para quem não tem fé, nada vale a pena dum esforço. Nada! Nem dinheiro, nem poder, nem glória, nem sequer sabedoria! Para fazer seja o que for é preciso fé, acreditar que existe outra vida para além desta. Porque então aceitamos a vaidade de tudo, visto que se espera outra coisa, que o nosso objetivo é outro que não o deste mundo. E eu, que não tenho crença nenhuma, sinto-me obcecado pela ideia da inutilidade de tudo: trabalho, amigos, família... (MEERSCH, 1955, p. 298).

A caracterização de Jean Doutreval como o estereótipo de um homem que nutriu um amor somente por si mesmo, ao extremo de desprezar todos os demais, aparece mais claramente na última parte do romance. Eis o texto:

Pelos passeios do jardim triste e abandonado, seguia agora um homem cabisbaixo, apoiando-se à bengala, arrastando a perna – e atrás dele um galo velho, de penas caídas.... Rememorava todos os sacrifícios feitos ao ídolo, ao único e monstruoso amor, o de si próprio, e verificava quanto a sua vida fora um lamentável malogro. No fundo, não vivera senão para si mesmo. Os filhos, amara-os por amor de si. Se os educara, tinha sido para os associar à sua obra e vê-los gravitar em torno da sua pessoa. A felicidade deles sempre a considerava dependente da sua. (MEERSCH, 1955, p. 450).

Até aqui já se entrevê como o texto de Meersch dialoga de maneira clara com o pensamento agostiniano, pois como observa Tiphaine (2008, p. 18): “todo texto aparece como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores”.

No que se refere a Michel, a história ocorre de um modo diferente. Em uma de suas visitas aos pacientes do Hospital da Égalité, o jovem médico conhece Évelyne Goyens, uma moça doente de tuberculose, já em um estado avançado da doença. De condição humilde, ela comove fortemente Michel ao contar um pouco de sua história. Não tinha família nem recebia visitas; sua única companhia era um pequeno relógio de aço que já não funcionava. A jovem Évelyne manifestou ainda a Michel não ter interesse em sair do hospital, fato que o perturba. Ela silenciava suas dores e suas pioras, em vista de não ser direcionada para a área “dos contagiosos”, com a esperança de terminar seus dias ali e ser esquecida.

Saindo da sala, uma enfermeira explica a Michel o motivo do comportamento de Évelyne:

Sois muito ricos. Ignorais o que é possuir apenas sete ou dez soldos para se governar. Contudo, há aqui dezenas de pessoas na situação dela, pobrezinhos tão pobres que não tem uma camisa para vestir. Pessoas como a Évelyne, que não desejam curar-se porque isso de ter alta seria para elas uma complicação dos diabos, visto não possuem um par de sapatos, nem um vestido, nem sequer um lenço. Criaturas que já não se atrevem a aspirar à vida Doutreval! (MEERSCH, 1955, p. 56).

A situação de Évelyne, de início, causa certa perturbação. Todavia, com as visitas que Michel faz sempre que possível à jovem, ele finda-se realmente apaixonando-se por ela. Jean Doutreval acaba por saber dos sentimentos que Michel nutre pela jovem e, de uma forma fria e dura, obriga-o a se afastar dela, movido tão somente pelo orgulho, pois em seu filho depositava todas as suas expectativas de sucesso, de tal forma que não poderia concebê-lo “desperdiçar” sua vida em um romance juvenil, ainda mais sendo com uma tuberculosa pobre e miserável!

Por outro lado, algo acontecia com Évelyne. Ela estava se recuperando de uma maneira espantosa: “modificara-se a existência de Évelyne. A amizade de Michel salvara-a da penúria total que, havia meses, constituía o seu quinhão de vida” (MEERSCH, 1955, p. 125). Ao mesmo tempo, também no que se refere ao aspecto físico, passa a apresentar melhoras consideráveis como aponta a narrativa (MEERSCH, 1955, p. 125).

As melhoras de Évelyne são cada dia mais surpreendentes. Entretanto, ela também é informada das recusas de Doutreval, e o no intuito de não prejudicar Michel, ela pede que não a visite mais. Évelyne Goyens, que estava se curando graças ao amor de Michel, está disposta a voltar a sua morte diária para poder evitar ao jovem médico conflitos familiares. Ela o ama de tal forma que está disposta a se sacrificar em prol do outro!

Desse modo, tem-se em Évelyne a manifestação daquele amor ideal do qual fala Agostinho que, despreendendo-se de si mesmo, lança-se ao encontro do próximo, a ponto de desprezar a si mesmo em favor do outro. Évelyne implica

nesse ato sua própria vida, pois isso corresponderia a sua morte, o que de início pode parecer uma insensatez. E, para usar as palavras de Ratzinger (2005, p. 194), “só quem ama pode compreender a insensatez de um amor para o qual o esbanjamento é a lei e só a superabundância é o suficiente”.

Neste ínterim, Michel se recusa a abandonar a jovem tuberculosa que, por sua vez, vai embora do hospital com vistas a preservar a vida familiar do jovem médico. Entretanto, contrariando o pai, o jovem renuncia a sua herança, viaja ao encontro da moça tuberculosa que, pelo amor de Michel, vê-se livre da doença. Ambos passam a viver uma vida simples e humilde. O jovem Doutreval que poderia ter sido professor catedrático e, até mesmo diretor do Hospital da Égalité, leva o resto de sua vida sendo um médico de bairro.

Michel é a caracterização do homem descrito por Agostinho que, em prol do Amor e da Verdade (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 22), encara todo o resto como perda, em vista de algo ainda maior e imaterial. É fundamental o texto das últimas páginas da quarta parte do romance:

Michel sente um misto de cólera e de piedade infinita quando pensa na singeleza da verdade, de que tão poucos querem saber, e nos sofrimentos inúteis que a medicina acrescenta muita vez aos da doença. Lembra-se de Évelyne, e do filho, e das torturas que esta sabedoria lhes poupará. Revê a pequena do vansteger, curada, e o pequeno de dois anos a quem picavam nas veias cefálicas, e todos esses inocentes que ele trata, alivia e salva diariamente. Chega então a envergonhar-se das suas negações! *Suceda o que suceder, a luta pelo triunfo da verdade merece todos os sacrifícios.* Ser solicitado por ela, que enorme favor já não é! Que magnífico destino! Que caridade poderá assemelhar-se a esta? <<o bem que se faz aos homens é apenas transitório. As verdades que se deixam são eternas. O próprio Cristo disse ter vindo à terra para “testemunhar a verdade”. (MEERSCH, 1955, p. 399, grifo nosso).

O amor por Évelyne faz Michel ver o mundo de uma maneira totalmente contrastante com a visão de Doutreval. Enquanto este último, mesmo quando curava os outros, fazia-o somente por amor de si, com o intuito de conseguir fama e prestígio e, para alcançar seus objetivos, não media esforços ou escrúpulos, ainda que fosse à base de mentiras; Michel, por outro lado, cura os doentes pelo próprio amor de ajudar e, o que é mais singular, com uma fidelidade profunda à verdade e à justiça (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 237). Isso equivale às palavras de Santo Agostinho (1980, p. 230) nas *Confissões*: “a vida feliz é a alegria que provém da verdade. [...] Todos querem esta vida, que é a única feliz; sim, todos querem a alegria que provém da verdade”

É neste âmbito que Amorim (2000) distingue a coisificação do outro, ou melhor, “o desejar algo e o desejar amorosamente alguém”. Enquanto na primeira categoria se insere o velho Jean Doutreval, Michel se insere exatamente na segunda. É o sair de si para o outro encontrar, o processo de alteração de si por parte do amado, “um amado na amada transformado”, como bem se expressou São João da Cruz (1984, p. 37). Em outras palavras, uma “inclinação para fora” como bem coloca Amorim (2000, p. 112-113):

A coisificação do outro – aspecto do processo de despersonalização – tem consequência imediata na pretensão de amar, característica de todos os homens. Se existe uma diferença crucial entre desejar algo e desejar amorosamente alguém, é esta: no primeiro, vivemos um movimento centrípeto, que pretende trazer a “coisa” desejada para nosso espaço vital. Quero aquele carro significa: ele em minha posse, dentro dos meus domínios. No desejo amoroso, na pretensão de verdadeiramente amar alguém especificamente, acontece um movimento centrífugo: “saio de mim”, em direção ao outro. A inclinação é para fora, no sentido de ir ao encontro, querer a intimidade e, por isso mesmo, ser alterado pela presença do amado.

Por outro lado, neste amor que nasce, a jovem tuberculosa assume a caracterização de uma ponte, ou, em outras palavras, uma guia para a Verdade, em seu sentido ontológico. Atendo-se ao texto, o leitor pode perceber que o narrador vê no amor de Évelyne, propriamente o mediador que conduz Michel ao encontro da verdade ontológica. Ao mesmo tempo, a pessoa da jovem assume a própria personificação do amor que, com seus esforços, traz, por assim dizer, a salvação a Michel. Embora, a uma primeira leitura possa parecer que o médico é quem traz a salvação à jovem, pois lhe causa a melhora quanto à sua doença, o fator que o narrador parece mostrar não é exatamente este. O romance inicia falando de Michel e, após Evelyne convertê-lo a esse amor caridade, ela não mais aparece nas últimas páginas do romance.

Vale ressaltar que, todo o destaque que a jovem tuberculosa ganha no decorrer do texto é de servir como ponte para Michel, ao desprender-se de tudo, abraçando a via da humildade, ascender e chegar à posse da verdade e do mais sincero amor, o que se mostra de maneira explícita na fala do narrador, o qual afirma que ela, Évelyne Goyens salvou a vida de Michel e não ao contrário: “O esplendor da verdade só lhe foi concedido graças a Évelyne. E que mais belo destino, esse de viver por amor da verdade? Da caridade, também Évelyne salvou em Michel o que há de melhor no homem, o coração” (MEERSCH, 1955, p. 478).

Maxence Van Der Meersch parece ver no amor que une Michel a Évelyne, o mesmo que impulsionou Santo Agostinho à sua conversão. Aliás, o leitor encontra no texto várias alusões à busca do Doutor da Graça pela Verdade, bem como seu próprio processo de conversão: “Onde estava a verdade? Onde procurá-la? A quem perguntar por ela? Como ver claro em si mesmo? O problema surgia-lhe pela primeira vez” (MEERSCH, 1955, p. 137)

De um lado, Agostinho, em vista de abraçar o cristianismo, no qual crê estar a Verdade e, por assim dizer, o próprio amor encarnado, renuncia a seu alto posto de orador do imperador, a sua cátedra de professor de retórica, a suas ambições e a seus narcisismos. Do outro lado, o jovem Doutreval, em vista do amor de Évelyne Goyens, abandona sua cidade natal, sendo reprovado pelo pai; em consequência também perde sua herança e as chances de ser professor catedrático e médico do renomado Hospital da Égalité.

Com isso, observa-se que o texto de Meersch reflete os temas e as perspectivas agostinianas, revelando-se ser um verdadeiro exemplo de “literatura

comparada”. Para usar as palavras de Carvalhal (1943, p. 55): “o conhecimento do que chamaríamos seus "arquétipos", portanto, amplia os significados que lhes possamos atribuir. Desse modo, ao lermos um texto, estamos lendo, através dele, o gênero a que pertence e, sobretudo, os textos que ele leu (aí não exclusivamente literários)”.

A isso tudo se soma o fato de o jovem médico viver daí por diante inteiramente dedicado à esposa, garças a qual crê ter podido alcançar a verdade e a felicidade que provém da simplicidade e da renúncia de si mesmo, uma vez mais trazendo luz à ideia de que Évelyne trouxe a salvação à vida de Michel:

E eis que o milagre se realiza. No dia em que consentiu ver morrer o próprio amor, em que não pediu mais nada e nada esperou de Évelyne, em que se lhe voltou sem exigir recompensa, sem o menor cálculo ou esperança, surgiu um amor novo, depurado, triunfante, indestrutível, liberto das servidões do egoísmo. Ele, que renunciara ao universo, que quisera limitar o seu horizonte e a sua vida ao pobre rosto duma criatura fugidia e votada à morte, pôde encontrar nessa privação todos os entusiasmos, esplendores, comoções e alegrias que o universo inteiro seria capaz de lhe ofertar. [...] É por isso que o amor tem esta exigência e esta promessa: *renuncia a ti mesmo, e encontrar-me-ás*. Fez-se mister que o marido de Évelyne renunciasse, se despojasse do egoísmo e, como querem as Escrituras, se sacrificasse por aquela com quem casou. (MEERSCH, 1955, p. 479-480, grifo nosso).

Neste texto, o amor é divinizado pelo narrador, que vê nele o encontro com Deus. O autor parte do texto bíblico da *Primeira Carta de João* para justificar que no amor ao próximo o homem encontra seu Deus, pois o amor vem de Deus e esse mesmo amor seria “o vínculo de perfeição” que une o homem a Deus. Eis o texto de João: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus; e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus” (1Jo 4, 7).

Deste modo, no amor de sua esposa Michel encontra o amor divino, como o próprio narrador salienta comentando o mesmo texto do apóstolo:

Eis o que queria dizer S. João. Eis em todo o seu esplendor e amplitude desmedida a mensagem do velho apóstolo dirigida ao coração terno, e que a doce Mariette, outrora, ensinava a Michel pequenino. E, quando o fazia, mostrava às vezes no rosto uma comoção de que ele dava conta, mas que não compreendia. Aquele que ama vive em Deus! Ele também, Michel, não acreditava em nada. Ele também, como o pai, negava à vida qualquer sacrifício e qualquer objetivo. E, por ter amado uma vítima (em razão da sua miséria), por haver tido piedade e consentido em partilhar das suas lágrimas, das suas privações, da sua pobreza, eis que por trás do querido rosto triste e sofredor do ente amado transparece Outro Rosto! *Eis que por trás de Évelyne e do amor generoso da criatura dolorosa resplende o amor de Deus!* (MEERSCH, 1955, p. 492, grifo nosso).

Meersch personifica no amor de Michel a Évelyne com o próprio Deus. Na vida de sofrimento que a personagem feminina se encontra, o narrador a descreve como o próprio Jesus, que está presente na vida dos sofredores. O amor direcionado a essa pobre jovem é, em contrapartida, direcionado ao próprio Jesus. Aqui percebe-se uma alusão direta à Santo Agostinho. Em sua obra *A Trindade* lê-se: “Que ninguém diga: “Não sei o que amar”. Que ele ame o seu irmão e estará amando o próprio Amor. Pois assim conhecerá melhor o amor com que ama do que o irmão a quem ama. [...] quanto mais livres estivermos do cancro do orgulho, tanto mais cheios estaremos de amor” (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 280).

Outro fator interessante é que, assim como Santo Agostinho, desde pequeno instruído por sua mãe, só virá mesmo aderir ao cristianismo já na sua juventude, depois de uma renúncia ao materialismo e a si próprio; do mesmo modo, Michel, instruído pela irmã mais velha – que faz as vezes da mãe de Agostinho –, recebe as mesmas instruções e passa, por assim dizer, pelo mesmo itinerário que o Doutor de *Hippo*: materialista, cético, ambicioso, narcisista. Finalmente, converte-se, renuncia a si mesmo e se entrega totalmente ao Amor e à Verdade.

O plano traçado na obra por Meersch parece inteiramente de inspiração agostiniana. “Tudo é influência neste mundo” dirá Mário de Andrade (1982, p. 31). Ele constrói seu romance sob o plano dos dois amores que se contrastam: o amor a si levado ao desprezo do outro, nutrido por Jean Doutreval; e o amor ao outro, que leva ao desprezo de si, cultivado por Michel e Évelyne:

Não há senão duas espécies de amor. O amor de si próprio ou o amor das outras criaturas viventes. Aquém do amor de si próprio há o sofrimento e o mal; além do amor do próximo há o Bem, há Deus. Cada vez que o homem ama para além de si mesmo pratica, conscientemente ou não, um ato de fé em Deus. Só existem duas formas de amor: o amor de si mesmo e o amor de Deus. (MEERSCH, 1955, p. 492).

Neste texto, Meersch reproduz quase que literalmente o texto célebre do XIV livro de *A cidade de Deus* de Santo Agostinho: “Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo de Deus, a terrena; o amor de Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial” (SANTO AGOSTINHO, 2012, p. 204).

Com este texto que Meersch encerra sua obra, pode-se perceber que o texto é uma paráfrase do livro da *De Civitate Dei* de Santo Agostinho, citado acima, quando o autor trata da origem das duas Cidades.

Considerações finais

As contribuições dos estudos literários e linguísticos no tocante à intertextualidade e análise do discurso, bem como as relações que se estabelecem entre literaturas distintas, tal como os teóricos da Literatura Comparada pontuam, se mostram de importância singular ao proceder-se a uma análise de um texto literário.

Decerto, ao estudar uma obra, o pesquisador percebe que aquele texto se construiu sobre os pilares de outros textos e que com esses dialogam. Por sua vez,

encontrar estes protótipos textuais muito auxiliam na compreensão da obra estudada, como também tornam mais claros os paradigmas sobre os quais o autor se pautou no momento da redação de seu texto.

Em linhas gerais, a pesquisa realizada a partir dos textos selecionados para a análise neste trabalho, apresentam a possibilidade de uma leitura agostiniana da obra *Copos e Almas* de Maxence Van Der Meersch, em que são identificados alguns temas que parecem profundamente inspirados no pensamento de Santo Agostinho. Sendo eles: a) a divisão feita na obra entre os homens que amam somente a si mesmos e os que nutrem um amor ao próximo e, por isso, são levados também ao amor de Deus, o que concorda com o pensamento de Agostinho referente aos dois amores e as duas cidades; b) a busca da Verdade por parte do personagem principal, Michel Doutreval de Carvalho, que se equipara à busca empreendida pelo próprio Doutor de *Hippo*; c) a personificação do amor na personagem Évelyne Goyens, caracterizada de modo a representar o próprio Jesus Cristo, o qual, segundo os textos cristãos e agostinianos, está presente nas pessoas que sofrem; d) a conversão por parte do jovem Doutreval que, assim como Santo Agostinho, em prol do amor, considera todo o resto como sacrificável. Dito isto, à luz da metodologia por nós aplicada, compreendemos ser possível uma leitura agostiniana da obra *Corpos e Almas* do escritor francês Maxence Van der Meersch.

Referências

AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus: contra os pagãos*, parte II. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

AGOSTINHO, S. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, S. *A Trindade*. Tradução de Augustinhu Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

AGOSTINHO, S. Comentário literal aos Gênesis. In: AGOSTINHO, S. *Comentário aos Gênesis*. Tradução de Augustinhu Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-498.

AGOSTINHO, S. *Comentários aos salmos: Salmos 1-50*. Tradução das Monjas beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO, S. *Solilóquios*. Tradução de Adaury Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998.

AMORIM, Tiago. *Porque não somos felizes?* Santos, SP: Simorsen, 2016

ANDRADE, M. Carta de 1925. In: ANDRADE, C. D. *A lição do amigo – cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 17-362.

ARAÚJO, J. C.; SOUZA, A. C. L. Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto. *Linguagem em Discurso*, Tubarão, v. 9 n. 3, p. 565-583, set./dez. 2009. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/429/449. Acesso em: 03 set 2021.

- ARENDDT, H. *O conceito de amor em Santo Agostinho: ensaio de interpretação filosófica*. Tradução de Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1929.
- BRACHTENDORF, J. *Confissões de Agostinho*. Tradução de Milton Camargo Mota. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- BÍBLIA TEB. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- COSTA, J. C. Na trilha teórica da análise do discurso: uma ida para além de encadeamentos linguísticos. In: SANTOS, Ivanaldo (org). *Teorias linguísticas: rápidos olhares*. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2013. p. 83-100.
- CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Oliver Stallybrass (org). Tradução de Sergio Alcides. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.
- GILSON, É. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- JALES, F. V. O; LIMA, J. P. A. P. O pensamento social de Agostinho: a caridade e o uso dos bens. *Kínesis*, Marília, vol. X, n. 22, p. 110-122, julho 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8066>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: JENNY, Laurent et al. *Intertextualidades*. Tradução de Clara Crabbê Rocha. Coimbra: Almedina, 1979. p. 5-49.
- MAINGUENEAU, D. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, Renato de (org.). *Análise do Discurso e Literatura*. Belo Horizonte: UFMG – Biblioteca Universitária, 2005. p. 17-30.
- MASCHIO, E. A. *Santo Agostinho: o doutor da graça divina contra o mal*. São Paulo: Editora Salvat, 2015.
- MELLO, R. Análise do Discurso e Literatura: uma interface real. In: MELLO, Renato de (org.). *Análise do Discurso e Literatura*. Belo Horizonte: UFMG – Biblioteca Universitária, 2005. p. 31-44.
- MEERSCH, M. V. D. *Corpos e almas*. Tradução de Cabral do Nascimento. Lisboa: Editorial Minerva, 1955.
- MOISÉS, Leyla Perrone. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- OLIVEIRA, G. R; DIAS, J. *Dilectio: da antiguidade a Santo Agostinho (354-430)*. Toledo, PR: Vivens, 2018.
- PAZ, E. R. S. A; ANDRADE, M. B. S. e PONTE, C. A. Verificando possibilidades de leitura no conto “À deriva”, de Horácio Quironga. In: SILVA Antônia Marly Moura da; MANGUEIRA, José Vilian; OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de (org.). *A narrativa de ficção: múltiplas feições*. Curitiba: Appris, 2016. p. 103-120.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Tradução de Alfred J. Keller. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

REALE, G; ANTISERI, D. *Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

SILVA, F. R. Q; FIGUEIREDO, F. C. O amor como fundamento ontológico da ordem em Santo Agostinho. *Revista Ideação*, v. 1, n. 43, p. 448-461, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/6225/5893>> Acesso em: 21 de junho de 2021.

SILVA, F. R. Q; FIGUEIREDO, F. C. A noção de amor e suas implicações no pensamento agostiniano. In: *Revista Problemata*, João Pessoa, v.12 n. 1 (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/57353/34035>. Acesso em: 03 set. 2021.

SCHONARTH, L. G; GAI, E. T. P. A temática do amor e os caminhos literários. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, Dossiê n. 14, p. 164-172, 2015. Disponível em: [LiteraturaeAutoritarismo\(ufsm.br\)](http://LiteraturaeAutoritarismo(ufsm.br)). Acesso em: 03 set. 2021.

TRAPÊ, A. *Agostinho: o homem, o pastor, o místico*. Tradução de Francisco Evaristo Marcos e Marcos Roberto Nunes Costa. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

SAMOYAL, T. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SÃO JOÃO DA CRUZ. Poesias. In: SCIADINI, Patrício (org.). *Obras completas de São João da Cruz*. Petrópolis: Editora Vozes, 1984. p. 25-60.

Para citar este artigo

SILVA, Francisco Romário de Queiroz; FIGUEIREDO, Francisco Clébio; LEITE, Francisco Edson Gonçalves. Dois amores e duas cidades: uma leitura agostiniana da obra *Corpos e Almas*, de Maxence Van Der Meersch. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 361-379, jan.-abr. 2022.

Os autores

Francisco Romário de Queiroz Silva é graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É membro do *Lumem*, Grupo de Pesquisa em Filosofia Patrística e Medieval e membro do Programa Bale (Biblioteca Ambulante e Literatura na Escola). Suas pesquisas são direcionadas para o âmbito cristão, mais precisamente para a filosofia de Santo Agostinho, em que pesquisa sobre a problemática do amor no pensamento agostiniano. Tem experiência em temas como o amor, a vontade, a verdade e a beleza na filosofia de Santo Agostinho, História da Igreja, Teologia da Liturgia, Teologia Dogmática e História dos Concílios Ecumênicos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4684-9328>.

Francisco Clébio Figueiredo é doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL/UERN. Mestre em Letras (aprovação com distinção) pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (2015), Especialista em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (2012), Especialização em Metodologias Ativas pela Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP (2020), Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (2010). Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER (2019). Professor da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar nos cursos de Pedagogia e Administração. Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF/UERN. Tem experiência com o Ensino Superior na área de educação e linguagem. Atuou como professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Rede Pública de Ensino da cidade de São Miguel-RN, trabalhando com turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Participou da construção do Documento Curricular do Rio Grande do Norte na condição de redator do componente curricular Língua Portuguesa. Publicação de trabalhos acadêmicos em eventos local, regional, nacional e internacional. Dedicou-se ao estudo na área de Língua Materna com ênfase no ensino de gramática correlacionado ao texto e é membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalista – GPEF. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9780-2162>.

Francisco Edson Gonçalves Leite é graduado em Letras (habilitação em Língua Inglesa e respectivas Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mestre e Doutor em Letras pela mesma universidade. Professor de Teoria da Literatura na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria literária, duplo e literatura fantástica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3187-7254>.